

seus olhos gulosos de símio”⁴⁷. Não é impunemente que este grande artista procura a versificação mais difícil, a mais regulamentada para lutar contra o ritmo caótico do que chamava a barbárie ancestral, nem que se sinta transportado de amor por mulheres frias, pálidas, lunares, por vezes mortas ou doentes, no seu ódio pela sexualidade bestial da mulher negra (e se, por fim, casa-se com uma negra, procura fora da sensualidade a forma branca da espiritualidade, ternura das almas unidas além dos corpos)⁴⁸.

Poder-se-ia sem dúvida continuar este inquérito através da literatura contemporânea. Veríamos que os estereótipos continuam a existir, mas latentes, como que adormecidos pelo clima de democracia racial que é o do Brasil, tomando antes a forma de brincadeiras do que o de forças motrizes de comportamentos; prontos a despertar, no entanto, cada vez que a ascensão gradual do homem de cor ameça o branco nas posições de domínio que ele não cessou de ocupar na sociedade. Para este período, todavia, talvez o estudo dos jornais seja mais importante do que o dos livros, como expressão de sentimentos coletivos. Aqui, pois, nos deteremos.

RÉSUMÉ

La formation de stéréotypes date, semble-t-il, des débuts même de l'histoire du Brésil et ils ne sont pas très différents, par leur contenu, de ceux des Etats Unis: laideur, odeur, sauvagerie, superstition, paresse, etc. Appliqués d'abord à toute la caste des esclaves, ils vont se différenciant peu à peu, d'abord comme reflets de la volonté de domination de la classe blanche (le nègre bon et le nègre méchant) — ensuite comme reflets de la formation de types sociaux différenciés (de mulâtre, l'Africain esclave, la métisse voluptueuse, la créole impertinente, la *mucama* et le *moleque*). La suppression du travail servil entraîne une confusion entre tous ces stéréotypes qui vont, désormais, servir indistinctement selon les circonstances, les expériences personnelles, et en quelque sorte s'individualiser en réactions de personnes plus que de groupes.

(47) *Evocações*: "Emparedado".

(48) R. Bastide. *Op. cit.*

A Imprensa Negra do Estado de São Paulo

2 A Sociologia tem como um dos seus principais objetos de estudo, o exame das representações coletivas, dos sentimentos mais gerais, característicos de um grupo, das atitudes e das necessidades comuns a uma classe de indivíduos. Daí a importância da imprensa, que representa justamente essas aspirações e esses sentimentos coletivos. Nosso fim, neste trabalho, não é, pois, dar um quadro histórico da imprensa negra em São Paulo, mas sim discernir, através dela, a mentalidade de uma raça.

Sem dúvida, poder-se-ia fazer a esse projeto um certo número de críticas. Primeiramente, os jornais de negros não têm grande tiragem; vivem miseravelmente; poucos duram mais de um ano. Mas o argumento não é convincente: se esses jornais têm uma existência frágil, é porque se dirigem a uma classe pobre, que não pode sustentá-los financeiramente; os seus desaparecimentos não indicam, pois, oposição entre a opinião do jornal e a opinião da massa. E, mesmo na medida em que a massa permanece indiferente diante das campanhas da sua própria imprensa, o revés é ainda revelador de um fenômeno sociológico e a ele teremos que voltar. Uma segunda crítica, que aliás completa a precedente, é que os jornais de pretos representam muito mais a opinião da classe média dos negros que a da massa; o fato é constante, não vale somente para o Brasil. Os sociólogos que cuidaram da imprensa negra dos Estados Unidos nos informam, de maneira idêntica, que ela é controlada pelos negros das classes alta e média. Mas, ainda aqui, o argumento não nos convence, porque essa pequena classe média,

formada por professores, advogados, jornalistas, revisores de provas tipográficas, há pouco saiu da classe baixa, conhece os desejos e as misérias dela na realidade, tomou consciência do que não é ainda muito claro ou muito sentido pelos seus irmãos de nível baixo, tornou-se o eco de toda uma classe de cor.

Podemos, pois, sem muito medo, debruçar-nos sobre esses pequenos jornais para neles procurar a psicologia afro-brasileira. *Grosso modo*, os caracteres desses jornais não diferem muito dos de outras regiões do Brasil, nem mesmo dos de outros países da América. Pudemos ter em mãos exemplares de jornais norte-americanos e uruguaios; sentem-se neles preocupações comuns, do Norte ao Sul do continente. Em primeiro lugar, raramente é uma imprensa de informação: o negro letrado lê o jornal dos brancos; é uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor. Os norte-americanos acharam um termo que a define muito bem: é uma imprensa adicional. Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação. Em segundo lugar, é um órgão de protesto: e isso é verdade tanto na América do Sul como na América do Norte; o preconceito de cor pode tomar formas larvadas, nem por isso deixa de existir e mesmo que não exista, o negro crê senti-lo; terá, pois, que se insurgir e o jornal lhe servirá para fazer ouvir seu protesto. Outro caráter comum a toda a imprensa afro-americana é a importância dada à vida social, às festas, aos bailes, às recepções, aos nascimentos, casamentos e mortes. Sem dúvida, esse não é um dos característicos próprios da raça negra; basta ler os pequenos jornais dos brancos do interior para se perceber que é também um dos característicos do que se poderia chamar de imprensa "provincial". Mas, em ambos os casos, a mesma exigência sociológica se exprime: a de mostrar seu *status* social e sua honorabilidade. O fato de ser recebido em tal clube, de assistir a tal recepção é um critério que o localiza na "boa sociedade" do lugar. O negro deseja também provar ao branco que tem sua honorabilidade, que tem sua vida mundana, que conhece as regras da polidez, em resumo, que não é um selvagem, como querem muitos. E na imprensa de cor a importância desta seção é ainda maior porque é justamente controlada

pela classe média ou classe elevada. Procurando estabelecer uma porcentagem aproximativa dos diversos tipos de artigos nos jornais de negros paulistas, encontramos para as notícias sociais de 60 a 30 por cento do número de colunas, conforme os jornais. Assim, o jornal é o sinal da ascensão de tais ou tais indivíduos de uma classe cuja reivindicação principal é a mobilidade social. Em compensação, há um caráter que não se encontra no Sul da América ao passo que é fundamental no Norte; é o sensacionalismo, em particular para tudo que toca à criminalidade. Mas é porque aqui estamos em presença de uma imprensa hebdomadária ou mensal, e não cotidiana, porque o linchamento, os *riots* não existem felizmente nos países latinos¹.

O primeiro jornal da Capital de São Paulo de que tivemos conhecimento é o *Menelik*, aparecido em 1915, "órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor", e que tomou esse título em homenagem ao "grande rei da raça preta, Menelik II, falecido em 1913". A partir daí podemos dividir a história da imprensa negra em três períodos. O que acompanha ou vem em seguida à guerra de 14, com a *Princesa do Oeste* (1915), *O Bandeirante* (1918), *O Alfinete* (1918), *A Liberdade* (1918), *Kosmos* (1922), *O Clarim da Alvorada* (1924), *A Tribuna Negra* (1928), *Quilombo* (1929), *Xauter*, etc., jornais esses em que a parte social tem, em geral, uma importância considerável, mas nos quais se insinua cada vez mais a política de protesto racial. Sente-se que a guerra, divulgando as idéias de liberdade e igualdade, apresentando-se como o grande combate da democracia, despertou nas massas trabalhadoras de cor aspirações por melhor sorte. Ao mesmo tempo temos aí indícios dos primeiros efeitos da política de educação no Brasil, o resultado do magnífico esforço da República no desenvolver o ensino gratuito primário. Mas São Paulo não é o único centro da imprensa negra. Há uma cidade que sempre desempenhou grande papel no jornalismo de cor: Campinas. Durante esse mesmo período, Campinas (que tinha mesmo antecedido a Capital, publicando o primeiro jornal do preto paulista, *O Bandeirante*, em 1910) vê nascer vários jornais: *A União* (1918), *A Protectora*

(1) Sobre a imprensa negra nos Estados Unidos, ver em particular: I. G. Penn. *The Afro-American Presse and Its Editors*. Massachusetts, 1891; F. G. Detweiler. *Negro Press in the United States*. Chicago, 1922; E. Gordon. *The American Negro Press*. *The Annals*, v. CXXXX, 1928; S. Reedy. *The Negro Magazine*. in *Journal of Negro Education*, III, 4, 1934; Gunnar Myrdal. *An American Dilemma*, v. II, Cap. 42. Em português: Roi Otley. *Negros da América*. Cap. 19, trad. Rio de Janeiro, 1945. Para a imprensa negra no Brasil, encontram-se indicações em diversos livros consagrados à imprensa em geral, como o de Hélio Vianna para me limitar a um só exemplo.

(1919) e sobretudo *Getulino* (1919 a 1924). Campinas terá, mais tarde ainda, o seu jornal de moços *Escravos* (1935).

O segundo período é o que vai de 1930 a 1937, com *O Progresso* (1931), *Promissão* (1932), *Cultura, social e esportiva* (1934), *O Clarim* (1935), e sobretudo *A Voz da Raça* (1936). É o período da formação, do desenvolvimento e do apogeu da "Frente Negra", a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política.

Os pretos participam ativamente na formação do Estado Novo. E o que é interessante notar aqui é a maneira "africana" de justificar a política do governo de então. O desgosto dos homens de cor ao verem suas associações servindo de trampolim a políticos brancos, que aceitam os seus votos e depois os abandonam, se integra na crítica dos partidos democráticos: "o negro não irá mais para a revolução, não marchará mais para o campo de luta, a fim de defender partidos ou políticos"². A reivindicação contra o estrangeiro que expulsou o preto do artesanato e subiu, ao passo que ele ficou em situação inferior, se integra no culto da brasilidade e se manifesta no projeto de lei interditando toda imigração durante vinte anos, a fim de permitir que nesse lapso de tempo o preto melhore sua situação econômica pela cessação de toda concorrência³. Nem mesmo a apologia da Ditadura deixa de tomar um acento afro-brasileiro: "Nos Palmares não se discutia o Chefe, o Zambi. Igualmente não devem os Frentenegrinos discutir o chefe da Nação"⁴. É assim que a *Voz da Raça* participava de todas as campanhas que agitavam então o país, pronunciava-se contra o separatismo brasileiro e a internacional vermelha⁵; mas nem todos os paulistas de cor a seguiam; alguns, vendo que a raça se tinha transformado em classe, pregavam a união dos brancos e dos pretos em uma luta comum contra a miséria. Desenhava-se assim uma nova corrente de tendência socialistas, que mais tarde ganharia intensidade.

Nessa época, sem dúvida, os partidários da Frente Negra se insurgem contra os que crêem que esse movimento está ligado a um novo racismo; o que a associação quer é lutar contra os preconceitos de cor e para isso criar um partido político negro. Como na América do Norte. Entretanto, é evidente que esses líderes estão obsedados pelas

(2) *A Voz da Raça*, nº 1, ano 7.

(3) *A Voz da Raça*, 1, 7.

(4) *A Voz da Raça*, 1, 15.

(5) *A Voz da Raça*, 1, 19; 1, 21, etc.

imagens fascistas. Criam uma milícia negra, para policiar os *meetings* raciais e *A Voz da Raça* escreve: "Hitler, na Alemanha, anda fazendo uma porção de coisas profundas. Entre elas a defesa da raça alemã"⁶. O Brasil deve seguir o exemplo, mas defender a raça brasileira não é defender a arianização do Brasil; é, ao contrário, defender a raça tal qual ela se formou pela mistura dos três sangues. "Que nos importa que Hitler não queira, na sua terra, o sangue negro? Isso mostra unicamente que a Alemanha Nova se orgulha da sua raça. Nós também, nós brasileiros, temos raça. Não queremos saber de arianos. Queremos o brasileiro negro e mestiço que nunca traiu nem trairá a Nação"⁷. Mas esta defesa não pode fazer-se no quadro da democracia liberal, que levanta os indivíduos uns contra os outros, mas, ao contrário, pela submissão de todos a um *Führer*, a um "super-homem", a um "Moisés de ébano"⁸.

Entretanto, a supressão de todos os partidos políticos pelo Estado Novo e o regime de censura à imprensa devia acabar ao mesmo tempo com a existência da Frente Negra e dos jornais de pretos. De 1937 a 1945 é o vazio. É preciso esperar a volta ao regime democrático para ver surgir de novo a imprensa de cor, com *Alvorada* e *Senzala*. Agora, à apologia da ditadura é a apologia da liberdade que sucede⁹ e Palmares, em vez de ser a República autoritária do Zambi, é a República, fraternal cooperativa, liberal. Os pretos tentam sem dúvida realizar sempre o grande sonho, que foi a origem da Frente Negra: agruparam-se todos em uma associação para a conquista de uma situação melhor na sociedade brasileira. Daí os Congressos de São Paulo e de Campinas, a formação da Associação dos Negros Brasileiros; mas o ponto de vista dos jovens da esquerda parece agora prevalecer. Contra tudo o que possa parecer um racismo de cor, eles se entendem quanto à distinção entre as reivindicações da classe proletária, na qual brancos e pretos devem trabalhar juntos, e quanto aos obstáculos que mais particularmente se oferecem aos homens de cor, que justificam a criação de grupos especiais¹⁰.

(6) *A Voz da Raça*, I, 29.

(7) *A Voz da Raça*, I, 27. Para simbolizar esta raça, foi proposta a criação de uma bandeira da Frente Negra, com quatro cores: branco (o português), vermelho (o índio), preto (o africano) e verde, em forma de palmeira, simbolizando a sublevação de Palmares (III, 56).

(8) *A Voz da Raça*, III, 59.

(9) *Alvorada*, janeiro de 1946 ("Os negros e a democracia"). *Senzala*, I, 1, pp. 11, 14 e 28; *Senzala*, I, 2, pp. 1 e 15.

(10) Ver as entrevistas dos líderes de cor no *O Diário da Noite*, 9-11-1945, 28-3-1945 e 12-5-1945; no *Diário de São Paulo*, 11-11-1945 e 13-11-1945; na *Folha da Noite*, 12-11-1945 e 21-11-1945.

Vê-se que a política do negro tem variado, conforme as grandes correntes gerais da política nacional e que a imprensa tem refletido essas variações. Mas, não obstante, e é isso que nos interessa, não se tratava, na realidade, senão de estratégia. As reivindicações permanecem sempre as mesmas através do tempo e é, pois, possível descobrir nesses jornais um certo número de representações coletivas que reapparecem incessantemente, em todas as épocas, e que, por conseguinte, definem a psicologia do afro-brasileiro. Tentaremos esboçar o quadro dessa psicologia: auto-retrato do negro por ele mesmo¹¹.

É evidente que a imprensa negra nasceu do sentimento de que o preto não é tratado em pé de igualdade com o branco; sua primeira tarefa será, pois, ser um órgão de protesto. Por certo, a situação brasileira é muito diferente da dos Estados Unidos; a República proclamou a igualdade de todos os brasileiros diante da lei, qualquer que seja a cor da sua pele; mas pode-se dizer que não existe preconceito racial?

Guardando no fundo de sua alma a lembrança amarga dos séculos de escravidão, tornada suscetível pelos sofrimentos suportados, o preto é levado a sentir numa palavra ou num gesto um tom de superioridade ou de desprezo em relação a ele. Vamos, pois, encontrar nesses jornais toda uma série de protestos contra o tratamento diferente de que é vítima. E, em primeiro lugar, desde o começo da vida, o que é mais grave porque a menor afronta se fixa então profundamente no coração e arrisca-se a marcar o ser para sempre: “um patrício negro contou-me a história de seu filho inteligente que ia mal amparado pela escola porque a sua professora declarara em plena classe que negro com ela não aprende”¹².

O preconceito de cor é notado na vida profissional: negros dispensados de seus empregos sem nenhuma razão aparente; empregadas domésticas despedidas sem pagamento e não encontrando apoio junto à polícia; frequência de fórmu-

(11) Deveríamos assinalar também que a imprensa brasileira não faz distinções de cor e que eminentes jornalistas “da raça” como Evaristo de Moraes ou Luiz Gama escreveram nos jornais dos brancos; que brasileiros de cor como Patrocínio fundaram mesmo grandes hebdomadários. *A Cidade do Rio...* Mas, se os jornalistas de cor escrevem na imprensa ordinária, dirigem-se a um público mais vasto e apresentam suas reivindicações algumas vezes sob aspecto um pouco diferente. É, pois, melhor, para a tarefa que nos propomos — a de recolher e classificar representações coletivas —, que nos dirijamos de preferência à imprensa negra (prontos a deixá-la quando pudermos encontrar alguns elementos novos, o que é raro).

(12) *A Voz da Raça*, I, 8 e I, 6.

las deste gênero nos jornais, sob a rubrica de oferecimentos de emprego: “não se aceita empregada de cor”; recusa de muitos industriais e comerciantes a tomar a seu serviço operários negros ou vendedoras escuras...¹³ Os jornais nararam histórias dolorosas e tentam às vezes remediar essas situações escabrosas. Mas, como obter reparação, se o próprio Estado dá o exemplo? Bem recentemente ainda, vimos pessoas de cor protestarem contra a exclusão de seus irmãos das Escolas de Aeronáutica e Naval, assim como da diplomacia¹⁴.

Se passarmos do mundo do trabalho ao das distrações, aí encontraremos queixas análogas: escoteiros que não concordam em dar um papel a um negrinho em uma peça que montaram; clubes como o clube do Jardim América ou da Penha que “não admitem nem negro branco”; sociedade de beneficência de Campinas, inscrevendo em seus estatutos que não aceita membros de cor. Um grêmio da mesma fábrica organiza uma festa. Vende os convites. Os negros também, operários da mesma fábrica, compram esses ingressos, porém, no momento de usufruir os seus direitos, são barrados pelos seus camaradas brancos... “Quem foi que disse que o preconceito de cor é uma simples luta de classe?”¹⁵

Nos Estados Unidos, a imprensa negra insiste muito na diferença de tratamento entre o branco e o negro no domínio da criminalidade. Encontram-se no Brasil alguns protestos do mesmo gênero: “S. A. (Sorocaba) foi preso por ter dado uns golpes de faca no sírio A. M. O jornal *Cruzeiro do Sul* não contou bem o caso. S. A. depois de ter feito um carroto para Moisés não recebeu o pagamento e foi chamado de ladrão pelo sírio. Em defesa própria S. feriu-o e foi à Polícia relatar o caso. No processo todas as testemunhas carregaram contra o pobre preto”. “Foi ao júri o caso de S. A. Deu-se o que se podia esperar — o preto foi condenado a dois anos de prisão... Cumpre salientar que a acusação primou por insultar o elemento negro em vez de analisar as peças do processo. A colônia síria foi elevada até as nuvens.”¹⁶ Outro caso é o dos agentes da Polícia Secreta que detêm sem razão quatro negros que vinham de enterrar um dos seus velhos camaradas no cemitério do Araçá; os po-

(13) *A Voz da Raça*, I, 16; I, 27; I, 29. *Getulino*, I, 7; I, 8; I, 20; II, 53. Para o trabalhador velho e o pagamento da sua aposentadoria ver *A Voz da Raça*, I, 17.

(14) *A Noite*, 8-11-1945.

(15) *A Voz da Raça*, I, 8; I, 12. *Getulino*, I, 23; *Alvorada*, junho de 1946, p. 4.

(16) *A Voz da Raça*, I, 29 e I, 33.

bres pretos estão sempre na prisão¹⁷. Eis uma última história:

Em um bar discutiam um preto, apelidado Pretinho, um turco, um oficial de justiça e um padeiro sobre a linha de cor nos Estados Unidos. Durante a discussão Pretinho, exaltando-se, chama o turco de "burro". Este dispara-lhe traiçoeiramente dois tiros de revólver nas costas e depois "encaminha-se, pacatamente, para o Hotel onde é hóspede, janta e embarca no último trem para a Capital, não havendo prisão em flagrante. Perguntamos nós aos poderes competentes atacados de insônia: e a polícia? E o oficial de justiça que tomou parte na festa? Não houve providência nenhuma porque o crucificado era o negro?"¹⁸

Se os casos de polícia são os que impressionam mais o espírito pela sua dramaticidade própria, não há domínio em que o preconceito não se revela, se acreditarmos na nossa imprensa. Até no domínio da política, que se recusa a fazer do 13 de Maio uma festa nacional e quer fazer esquecer que o branco outrora mantinha o preto em escravidão¹⁹. Até no domínio da arte: um jornal não protestara porque um grupo de negros partiu para o estrangeiro para lá dançar o coco; deviam ao menos ter escolhido mulatos claros²⁰. Mesmo a religião não estaria indene desse mal: em todas as procissões são as confrarias de cor que abrem a marcha à moda de "mamãe oi é eu!"²¹

Todavia o preconceito nem sempre toma forma assim evidente. Antes, de tal maneira passou a estado de hábito que não mais é muito notável. Mas o preto sente-o tanto mais asperamente e o maior número de protestos giram justamente sobre essas formas larvadas ou usuais: frases pronunciadas sem levar em conta o que comportam de doloroso para aquele que as escuta: "Se o J. M. quisesse casar com você, você casava, mesmo sendo ele preto?" Modo de falar: "moço é um rapaz branco e rapaz são os moços da nossa

(17) *O Bandeirante*, II, 4.

(18) *A Voz da Raça*, II, 44. Cf. esta afirmação mais geral: "os jornais dão muito importância aos crimes cometidos pelo preto, a fim de prejudicar a raça. Sempre as pequenas cousas são apresentadas como graves. Certamente, por legítima defesa, o preto pode ser obrigado a cometer um crime, mas imediatamente ele é apresentado como qualquer cousa de horrível. Por exemplo, um pobre negro pede uma esmola, é esbofetado, ele reage; é levado preso ao passo que o agressor fica em liberdade" (*A Liberdade*, I, 4).

(19) *A Voz da Raça*, III, 45. Durante as discussões da Câmara dos Deputados, os pretos algumas vezes lançaram os seus protestos contra certas palavras empregadas pelos oradores e consideradas como "injuriosas" para a raça. Cf. *Elite*, I, 2; *A Voz da Raça*, II, 42; *Getulino*, I, 23 e I, 25.

(20) *Progresso*, IV, 37.

(21) *Getulino*, I, 2.

raça"²². Mais ainda, esses jornais reparam na segregação que se faz até nas menores cidadezinhas do interior, onde, nos passeios, uma rua freqüentada pelos pretos é pouco abandonada pelos brancos e enquanto, no jardim público, os brancos dão voltas na calçada, os pretos devem ficar em outra parte, mais baixa ou mais obscura²³. Algumas críticas dos brancos doem extremamente às pessoas de cor. É assim que, tendo em Campinas havido uma festa, na qual foi coroada uma rainha de beleza "da raça", um jornalzinho local, querendo fazer espírito, falou de um "certo cheirinho" no baile. Nada poderia ferir mais, fazendo ressurgir das profundezas do passado as injúrias dos antigos senhores²⁴.

Esses fatos (citamos quase todos os que encontramos) são suficientes para que se possa afirmar a existência de um preconceito de cor, senão de raça? Não são fatos esporádicos que não se tenha o direito de generalizar; o leitor que julgue. O sociólogo não poderia afirmá-lo senão com o auxílio de outros processos: o inquérito e estabelecimento de uma escala, como se fez na América do Norte. Em São Paulo só existem algumas sondagens nesse sentido²⁵.

Mas o que é fato é que o preto, com ou sem razão, sente que sua ascensão na escala social é perturbada pela existência de tal preconceito. Portanto, como representação coletiva do negro, o preconceito inegavelmente existe e é isso o que nos importa.

"O preconceito de cor no Brasil, só nós os negros o podemos sentir." "É preciso um impulso forte de maldade e de inconsciência para afirmar que, no convívio social, o negro goza das mesmas prerrogativas e regalias que o branco." "O texto de nossas leis fundamentais expressa o sentimento de fraternidade humana, mas é certo que o mal que nos aflige tem escapado à ação das leis porque vive e oculta-se no seio da sociedade"²⁶. Afirmações desse gênero repetem-se como um *leitmotiv*, monótono, à força de repetido nos mais diversos jornais em todos os artigos de fundo; e é nesta base que repousa o apelo à união, a predicação da solidariedade racial. O 13 de Maio libertou juridicamente o escravo, mas deixou em tal abandono que urge nova libertação. Basta ver o preto nas suas favelas ou nos seus cortiços, vestido de

(22) *A Voz da Raça*, I, 32. *Getulino*, I, 22.

(23) *Getulino*, I, 1; I, 33; II, 55. (Há cidades onde uma preta não pode ser filha de Maria e uma negrinha não pode sair de anjo na procissão.)

(24) *Getulino*, I, 15.

(25) Emílio Willems e Romano Barreto: "Inquérito sobre a posição social do negro em três municípios paulistas". *Sociologia*, II, 1.

(26) *A Voz da Raça*, I, 9 e I, 33.

trapos, analfabeto, doente, para se perceber que ele está situado no mais baixo degrau da escala social²⁷. Em Juqueiri, parece que ele ainda vive sob o regime da escravidão: "só tem direito a morar nas matas, teme falar a quem quer que seja. Até morfético tem direito a empregado preto gratuitamente"²⁸. Quem ousa, pois, dizer que o preto brasileiro, que se contenta com pouco, ri e canta, é um ser perfeitamente feliz? "Todos sabemos, porém, dentro do país, não ser exata a afirmação. O clima foi criado em virtude da conhecida passividade da raça e se destina a obter *boa e favorável referência*, a fazer *bonita e elogiável figura*. É um clima só para *inglês ver*, porque na verdade o negro é *marginalizado* e constitui a coletividade mais sacrificada, mais insatisfeita de quantas cooperam no progresso pátrio"²⁹. "O negro atualmente está mais deprimido que o negro escravo." No fundo, o que o 13 de Maio destruiu foi a escravidão imposta, mas substituiu-a pela servidão voluntária, que não é senão uma forma hipócrita do servilismo primitivo³⁰: "quando o negro se emancipou a 13 de Maio de 1888, o negro viu que a sua miséria era maior ainda; a terra já estava dividida e em poder dos brancos. Que podia ser ele senão o assalariado, o trabalhador a jornal, o agregado, com direito apenas à terça? Se a raça negra não tende a desaparecer, no nosso país, isso se deve apenas à sua excepcional capacidade de adaptação, de sobrevivência, mesmo nas mais desfavoráveis condições, e a sua espantosa proliferação"³¹.

Esse quadro, dir-se-á, por mais justo que seja, não constitui prova de um preconceito de cor e pode ser explicado por outras razões. Mas de fato, nos artigos da sua imprensa, a situação miserável da raça está sempre indissoluvelmente unida à cor da pele: "Há sempre dificuldades para um negro: quando nasce uma criança, o pai não tem dinheiro para pagar o registro civil; quando morre um negro, os filhos não têm dinheiro para um carro fúnebre. Tudo isso por causa da cor"³². Para nós, resume-se nisto o problema: como e por que a situação social do preto no conjunto da coletividade, no nível mais baixo, é considerado como um testemunho de um preconceito de cor?

É que, como os positivistas, aliás, viram muito bem, a emancipação foi feita sem um trabalho prévio de educação

(27) *A Voz da Raça*, I, 26; II, 37. *Diário de São Paulo*, 11-11-1945.

(28) *A Voz da Raça*, II, 41.

(29) *Alvorada*, set. 1945, p. 1.

(30) *Alfinete*, I, 2.

(31) *Senzala*, nº 2, p. 19.

(32) *A Voz da Raça*, I, 14.

moral e de alfabetização. O brasileiro, fechado no seu juridicismo, fruto de uma educação intelectual que apenas conhecia as Faculdades de Direito, julgava ter feito suficientemente para o preto quebrando-lhes as correntes. Não tentou transformar o antigo servidor de sua casa ou o trabalhador de sua fazenda em um ser livre no sentido verdadeiro do termo, que é filosófico e não simplesmente jurídico. No fundo, não agia ele para si só? O que o movia não era uma espécie de remorso, não o bem de uma raça sofredora, a piedade por *seus irmãos*. Tirava uma mancha da bandeira do Brasil, não se incomodando com a condição dos pretos por amizade a eles. "Uma vez assinada a lei, esqueceram-se de que estavam na obrigação de facilitar à gente negra os meios de se educarem. Por falta disso é que a Abolição não passou do papel, continuando os negros por mais de 40 anos em situação igual ou pior que a anterior a 1888"³³. Sem nenhuma defesa, sem amparo, o homem de cor não podia ser, de pai a filho, senão estivador, pedreiro, vendedor de jornais, operário de ofícios modestos e quando muito carteiro de correio ou servente; e sua mulher, lavadeira, copeira, cozinheira, arrumadeira...³⁴.

Somente negligência do branco em cumprir os seus deveres? Falta de compreensão? Não. Havia sob este abandono alguma coisa de mais grave que se dissimulava, o preconceito de cor, herança da escravidão. Não podia o branco habituar-se à idéia de considerar sua propriedade perdida como um concidadão em pé de igualdade. Conservava sua antiga mentalidade de senhor. O branco tem sempre o sentimento de sua própria superioridade e é por isso que se arroga o direito de subjugar, de mandar; os cientistas em vão lhe mostram que não há raças superiores, mas somente "raças adiantadas e raças atrasadas"; ele se insurge no fundo contra a idéia de igualdade, de uma igualdade entre ele, o antigo senhor, e o outro que foi seu escravo³⁵. Se juntarmos a isso a chegada de numerosos imigrantes ao Estado de São Paulo, imbuídos da superioridade da raça ariana e que para vencer precisavam desalojar os pretos de situações adquiridas³⁶, compreender-se-á por que se pode afirmar que a miséria atual do negro é devida a um preconceito. Este preconceito, encontrá-lo-emos, aliás, na conversação dos brancos: quando vêem a miséria das pessoas de cor, atribuem-na

(33) *A Voz da Raça*, I, 28.

(34) Artigo de Humberto de Campos, citado pela *A Voz da Raça*, I, 26.

(35) *A Voz da Raça*, I, 21.

(36) *Genealogia*, II, 55. (Artigo de Benedito Florenço)

a quê? A vícios da raça: o negro, dizem eles, é preguiçoso, bêbado, sem moralidade; atribuem a falta, por conseguinte, não a um fato sociológico, a semilibertação, mas a um fato étnico, a incapacidade congênita do preto em se elevar na sociedade e nela se integrar. Mas não é somente nas palavras que o branco manifesta assim seu desprezo pelo preto, é na sua própria maneira de agir; os brancos correm atrás das negrinhas e mulatinhas porque imaginam *a priori* que são presas fáceis, seres de pura sexualidade. Aqui também a herança da escravidão não está morta³⁷.

Nem mesmo a bondade do brasileiro deixa de ser um argumento em favor da existência de um preconceito. O branco tem em relação aos seus empregados de cor sentimentos afetuosos, mas com a condição de que permaneçam empregados. O paternalismo adormece as resistências e as revoltas, é um instrumento prático para melhor reduzir o negro a uma condição de servidão, considerada como sua única situação possível: "O negro gosta de ter um compadre de posição social. Por que? Para ter quem o livre da cadeia quando fizer um 'sururu' na venda da esquina. Em troca a mulher do preto fica na casa do compadre, cozinhando e lavando roupa"³⁸. Em trágico confronto entre o preto dos Estados Unidos, com sua elite, suas universidades, sua classe de cor rica e próspera — e o preto brasileiro, Horácio da Cunha escreve: nós não linchamos os negros, mas os abandonamos à ignorância, à promiscuidade, à cachaça, à sífilis: "Qual é o preferível? O sentimentalismo brasileiro ou a brutalidade americana? O nosso sentimentalismo não é homicida? Daqui a trinta ou cinquenta anos a raça negra está extinta no Brasil graças ao nosso sentimentalismo. Os americanos lincham cinquenta negros por ano. Nós matamos a raça inteira no Brasil"³⁹.

Assim, seja sob a forma do abandono por desprezo ou da piedade superior, o preconceito existe e se o preto está sempre na pior das misérias, intelectual, econômica e sanitária, é porque ele é o eterno "enganado"⁴⁰. Sem dúvida, este problema da miséria é mais vasto que o do preto, porque há também brancos miseráveis; mas o preto tem consciência de que para ele acresce um suplemento de pena; o branco pode mais facilmente se elevar, mais facilmente me-

(37) *Getulino*, I, 33. Cf. *A Voz da Raça*, I, 33. "Não devemos permitir que brancos safados abram salões nesta capital visando 'jogar as nossas irmãszinhas na lama e a raça na imoralidade'".

(38) *Getulino*, I, 19.

(39) *Clarim da Alvorada*, 2ª fase, VI, 20.

(40) *Quilombo*, I, 2.

lhorar sua situação; para o homem de cor, ao contrário, os obstáculos a vencer se multiplicam; a professora se interessa pouco pelo menino de cor, o patrão prefere operário de sua raça; para onde quer que se dirija, o preto encontra um preconceito desfavorável a ele, ao seu ardor no trabalho ou à sua própria moralidade. Assim, dentro do problema proletário, há um problema particular, sinal de um preconceito; falta-lhe, para vencer, a atração da cor de que gozam os brancos, mesmo pobres⁴¹. "Precisa desmanchar o falso pressuposto de que o negro não tem *casos seus* dentro dos problemas e casos humanos de toda a comunidade brasileira... uma vez que o negro ficou despreparado para as competições do homem livre" por causa das "circunstâncias carregadamente desfavoráveis... circunstâncias essas da pigmentação"⁴².

Lembramo-nos do célebre artigo de Mário de Andrade sobre o preconceito de cor; o grande escritor mostrava todo o jogo, sob as sobrevivências folclóricas que atribuem às cores um valor simbólico e ao preto em particular um caráter diabólico. Sem que o percebamos, esse simbólico agiria no nosso inconsciente. É interessante notar que os paulistas de cor chegaram a conclusões análogas, por sua própria conta: "É verdade que a nossa língua permite a indicação de um caso bárbaro empregando vários termos quais sejam: *atirados na negridão da vida*, um crime *negro*, ou uma ação *negra*. Tudo isso contribui para que idiotas façam idéia de que o homem negro é sinônimo de coisa ruim, chegando até ao ponto de trocar a cor ou dar cor à alma do indivíduo"⁴³. Há aí um efeito das leis da associação de idéias finamente analisado e que nos mostra quanto o sofrimento do homem de cor deve ter sido profundo para levá-lo a tais descobertas introspectivas.

Assim esmagado e empurrado para trás pela concorrência do branco, o preconceito desenvolve no negro um complexo de inferioridade, complexo que reagindo por sua vez sobre o que o provocou, torna-se um novo obstáculo para a ascensão social.

(41) *Alvorada*, março de 1946, p. 1. *A Voz da Raça*, I, 32.

(42) *Alvorada*, setembro de 1945, p. 4.

(43) *A Voz da Raça*, III, 60; artigo de F. Lucrécio. Contra esta associação de idéias, o jornal faz uma campanha, por exemplo: "Cavalo preto é cavalo, pavão preto é pavão, galo preto é galo mesmo, e só homem preto é que não o consideram como homem, mas como preto só". Ano III, 56; artigo de Vicente Ferreira.

Esse complexo, vemo-lo em jogo primeiramente nos anúncios ou reclames que acompanham os jornais, e que traduzem certa ambivalência do negro em relação ao branco. *A Voz da Raça* denuncia o desejo de se parecer o preto com o branco e de renegar assim sua origem, em vez de se orgulhar dela: "Não se pode negar que, em muitos pontos, o negro, nos Estados Unidos, alcançou um grande nível de civilização. Contudo, em certos pontos, não podemos deixar de fazer-lhe uma crítica. É o caso da moda atual de branquificação da pele e alisamento do cabelo... Os jornais da América chegam a dedicar páginas inteiras com ilustrações sugestivas sobre a matéria. Mas, que resultado há nessa metamorfose? Esse creme vem dar aos brancos a idéia de que todo nosso esforço ascensional é baseado simplesmente, no ridículo desgosto de termos a pele negra... Notável é que, enquanto o branco recorre à canícula das praias, e mesmo a processos químicos para adquirir uma tez amorenada, o negro americano lança mão de um creme o qual, segundo a propaganda, dá mais *personalidade*"⁴⁴. Entretanto, esse mesmo jornal está repleto de anúncios de cabeleireiros do gênero que o artigo denuncia: "Cabelos crespos!... Tem quem os quer. Salão Cabelizador. Alisa-se qualquer cabelo crespo sem dor. Preços de conformidade com a crise". "Convidam-se todas as moças de cabelos crespos a virem alisá-los"...⁴⁵ Esse gênero de reclame é encontrado naturalmente em outros jornais, como *O Clarim*, para me limitar a esse exemplo: "Oh! Você ainda não alisou seus cabelos? Pois, não conhece o Ch... E seus cabelos ficarão perfeitamente lisos, podendo até mesmo serem lavados, sem voltar ao estado anterior"⁴⁶.

Essa renegação à raça tornamos a encontrá-la no repúdio às antigas tradições (assunto a que teremos de voltar) substituídas pela imitação dos hábitos dos brancos: as danças de salão, a coroação de uma rainha de beleza, os convites, etc. Procurar-se-á, compreenda-se, o que é mais aristocrático, mais chique, mais caracteristicamente ariano; por exemplo, constitui-se uma sociedade de tênis⁴⁷. Dir-se-á que o preto aceita *a priori* a superioridade do branco e que se esforça por imitá-lo em tudo, buscando esquecer sua ancestralidade. Vai mesmo até a aceitar o conceito que o branco faz dele, homem de cor; o juízo desfavorável que pode

(44) *A Voz da Raça*, III, 64.

(45) *A Voz da Raça*, I, 4; I, 15; I, 27; I, 31, etc.

(46) No nº 1, ano I, do *Clarim da Alvorada*, três reclames de "especialistas em cabelos de pessoas de cor".

(47) *A Voz da Raça*, I, 6.

fazer sobre sua cor e sobre sua moralidade: acreditará mais num branco que num dos seus correligionários — e isso unicamente porque ele é branco e seu correligionário não o é. "Palavra de branco é palavra de Evangelho, palavra de preto é bobagem"⁴⁸. Esta submissão aos padrões nacionais, para empregar a expressão dos sociólogos norte-americanos, é perfeitamente sintomática de um sentimento de inferioridade, que rói o negro. É verdade que, quando vê que nada vale esse servilismo, revolta-se e é por isso que dissemos que há uma ambivalência nas representações que o preto faz da sua própria cor: dissimula-a e exalta-a ao mesmo tempo. Assim, por ocasião das festas do Natal e do Ano Novo, reclamará que se ofereçam às suas crianças não bonecas louras de olhos azuis e faces rosadas, mas sim a boneca preta, de cabelos encarapinhados, o único brinquedo admissível para as crianças de cor⁴⁹. Mas esse apelo é ouvido? E não é uma reação contra o que continua a ser o sentimento profundo de uma raça, a aceitação da superioridade dos valores dos brancos?

O complexo de inferioridade, encontramos-lo ainda na oposição do mulato ao preto. O mulato claro não gosta, em geral, de participar de associações que, a seu ver, o rebaixariam a uma raça que quer ignorar. Considera-se parte integrante do grupo dos brancos. Temos aqui uma atitude muito diferente da que ocorre nos Estados Unidos. Na América do Norte, existem mulatos tão claros que podem passar "a linha de cor", sobretudo nas grandes cidades do Norte, onde não são conhecidos e parece que todo ano um número assaz considerável desses homens passam assim. Mas essa passagem é determinada principalmente por motivos econômicos, dada a maior facilidade de encontrar emprego, e quando esses mulatos ganham um pouco de dinheiro, voltam, no fim da vida, para o grupo negro onde têm toda a amizade e solidariedade que não têm alhures. Em resumo, a passagem é quase sempre voluntária e temporária⁵⁰. Ao contrário no Brasil os líderes da raça negra queixam-se a miúdo da falta de solidariedade dos mulatos para com seus irmãos de cor mais carregada: Benedito Florenço conta que há vinte anos existia em Campinas uma sociedade dançante de mulatos que excluía do seu seio os pretos, mas aceitava brancos⁵¹. Outro encarregado de passar bilhete para uma festa em benefício,

(48) *A Voz da Raça*, I, 13.

(49) *Senzala*, nº 2, p. 21.

(50) Ver, por exemplo: Clair Drake e Horace R. Cayton. *Black Metropolis*. New York, 1945. Warner, Inker e Adams. *Color and Human Nature*. Cap. 4.

(51) *Getulio*, II, 59.

entra em um estabelecimento mantido por um mulato e lhe oferece um bilhete: "O mulato, sem comentários, respondeu-me secamente: Não sou de cor"⁵².

Esta atitude propõe, forçosamente, aos líderes da raça negra o problema da mistura dos sangues. Aqui também há uma certa ambivalência ou pelo menos uma hesitação. De um lado, protesta-se contra a política do "embranquecimento" da raça brasileira, de sua arianização, porque ela se faz pelo apelo aos estrangeiros e pelo abandono da gente de cor que se espera ver desaparecer graças à sua alta mortalidade⁵³. Recomenda-se mesmo aos pretos que não cortejem as brancas, mesmo que elas consintam: só terão aborrecimentos⁵⁴. Tende-se, pois, a agrupar as pessoas de uma mesma cor, a segregá-las, a separá-las em associações de dança, de assistência, de cultura. "Decaiu miseravelmente a situação social e econômica dos negros patricios... Desfalcados de valores afirmativamente negros pelo branqueamento das epidermes dos antigos valores negros abastados, fugidos à grei da gente negra pela mestiçagem e pelo preconceito (pois, geralmente o maior inimigo do negro é o branco neto de pretos!!!), o povo negro ficou sem chefes naturais tendo por cima um governo anti-racista, preocupado com a dita arianização geral da Nação brasileira do passado"⁵⁵. Mas, de outro lado, considera-se que o movimento de amalgamação das três raças constitui a originalidade da solução brasileira do problema racial; o Brasil marcha para uma unificação étnica que se faz pela mistura dos sangues e o sangue negro se dilui assim cada vez mais nas veias da Nação⁵⁶. É por isso que o jornal *Getulino* faz uma violenta campanha contra o projeto, que tinha sido sugerido, de se abrir o Brasil à imigração do preto americano: isso só poderia reforçar o preconceito de cor pela chegada de uma massa revoltada e reivindicadora; sobretudo, uma nova vinda de pessoas escuras retardaria o momento em que, pela intersexualidade, não mais haja no país senão uma só raça, um só povo⁵⁷.

A xenofobia de alguns jornais reflete também o complexo de inferioridade. Esta xenofobia não é partilhada por to-

(52) *A Voz da Raça*, I, 33.

(53) *A Voz da Raça*, III, 52.

(54) *A Voz da Raça*, II, 41.

(55) *A Voz da Raça*, III, 52 (Artigo de Arlindo V. dos Santos). Cf. ainda *A Voz da Raça*, I, 18: "Um jornal europeu trouxe esta notícia: um preto tomou uma erva como remédio e começou a notar que sua pele ia ficando branca. O sucesso foi uma esperança para muitos negros que desejam ser brancos. Mas nós não queremos ser negros brancos".

(56) *A Voz da Raça*, II, 38-41 (Discurso de Silvério de Lima). *Getulino*, I, 11 e I, 46.

(57) *Getulino*, I, 11.

dos. O *Alfinete* e o *Getulino* reconhecem, ao contrário, as qualidades do imigrante; dão-no como exemplo aos seus correligionários; se o estrangeiro melhora sua situação, se sobe e enriquece, o preto pode fazer o mesmo: só tem que agir como ele. Em vez de despender tudo em festas, economizar para comprar uma casa; em vez de gastar mais dinheiro com roupas do que com a casa, aprender com o imigrante a manter um orçamento mais racional, no qual a habitação tenha um lugar maior, o que diminuirá a mortalidade da raça⁵⁸. Mas outros jornais, como *A Voz da Raça*, são ferozmente xenófobos: o que nos interessa nesta xenofobia não é a violência dos termos ("ladrões de nosso trabalho", pessoas que "cospem no prato em que comem")⁵⁹, mas as razões invocadas contra a imigração; na concorrência vital para a elevação de condição social, o preto sente-se de antemão vencido. "Antigamente, antes das grandes imigrações que vieram arianizar o Brasil por iniciativa dos ilustres estadistas da estúpidez, o comércio do país estava nas mãos ou de portugueses nacionalistas ou seus filhos, e de negros livres... Isso passou. Hoje, o que se vê são as inscrições alemãs, italianas, e agora japonesas... O negro foi banido do comércio. Hoje ficou somente nos misteres pesados de produtor ou assalariado ganhando misérias, pois até o que ele fazia como mestre de ofícios se foi evanescendo. Desapareceram as antigas alfaiatarias, sapatarias, ourivesarias e até aquilo em que a gente africana foi mestra no Brasil: as oficinas dos trabalhos de ferro"⁶⁰. Sociologicamente o fato é exato, como é exato o fato sublinhado em muitos artigos de que foi o negro que, agricolamente, fez a riqueza do Brasil antigo e não o imigrante⁶¹. Mas pode-se dar duas explicações: ou o preto é vencido porque é, congenitamente ou culturalmente, bem menos armado para a luta — ou, na verdade, porque os brancos se sustentam entre si e favorecem o estrangeiro, em detrimento do nacional de cor. É esta segunda opinião que os líderes negros aceitam e como prova apontam o fato de ter o governo feito leis em favor dos imigrantes, não em favor do preto⁶², de abrir as repartições públicas ao estrangeiro e não ao brasileiro de cor⁶³. Ora, é bem esse um dos característicos do complexo de inferioridade: fazer a falta recair sobre outro, acusar a sorte em vez de se acusar a si

(58) *Alfinete*, I, 2. *Getulino*, I, 5.

(59) *A Voz da Raça*, II, 36 e II, 44.

(60) *A Voz da Raça*, III, 56 (Artigo de A. Veiga dos Santos: Os negros e o comércio).

(61) *A Voz da Raça*, I, 26.

(62) *A Voz da Raça*, I, 31; II, 44.

(63) *A Voz da Raça*, I, 15; II, 42.

mesmo. Ainda aqui, a atitude não é generalizada: outros líderes conclamam o preto à luta contra o branco de fora, trabalhando como este, e mostrando que é capaz de competição vitoriosa. Mas esses líderes são obrigados a reconhecer que, nessa luta, o preto parte com uma tara, que é justamente o sentimento de inferioridade, é o medo, a falta de coragem: "As repartições públicas estão cheias de estrangeiros intrusos, em parte devido ao modo injusto de julgar de nosso governo, em parte à timidez, ao medo sistemático do negro. O negro espia e recua; o estrangeiro entra sem a menor sem-cerimônia, aboleta-se, senta-se, insiste, aborrece, até que o admitam"⁶⁴. Este mesmo medo que faz o brasileiro de cor ir se divertir nos seus próprios bailes, que o leva a se separar dos grupos de brancos nos passeios públicos, de medo de um gracejo ou de uma rixa, em que a polícia não lhe daria razão⁶⁵, torna-o o eterno vencido na concorrência vital.

Portanto, o papel da imprensa de cor seria, antes de mais nada, o de dar ao preto confiança em si mesmo, o de fazer desaparecer esse sentimento que lhe é tão prejudicial; e para isso, não há senão um meio — valorizar tudo o que é negro.

Daí a importância dos artigos históricos e das biografias dos grandes homens. Daí também a existência, nesta imprensa, de uma seção literária, que não tem por fim distrair o leitor, mas sim mostrar-lhe, por meio de poemas e contos, a inteligência do negro brasileiro. Daí, enfim, a abundância dessas crônicas sobre a atividade de diversas associações de gente de cor, desde as associações de simples divertimento até os clubes atléticos, crônicas capazes de fazer nascer no espírito do leitor um clima de otimismo para as possibilidades futuras da raça. Assim, a ligação entre os artigos de ordem cultural e a luta contra o complexo de inferioridade é inegável. O próprio texto dos artigos não deixa nenhuma dúvida a respeito. Não se trata de ciência, trata-se de um trabalho de educação: "Há três e meio séculos fomos arrancados do *habitat* africano e transportados para o Brasil. Devastamos as florestas virgens... preparamos a terra e colhemos para outros... pelejamos nos fortins de Arraial de Recife, nas campinas de Tabora, nos montes de Guararapes para a expulsão do estrangeiro. Há dois e meio séculos de-

(64) *A Voz da Raça*, II, 36 (Artigo de José Bueno Feliciano: Indiscrições e cavaqueações).

(65) *Getulino* (I, 3) dá essa explicação para a repartição ecológica das raças em Campinas.

mos um exemplo de disciplina e ordem com o nosso primeiro reduto defensivo — Palmares... Formamos a vanguarda na guerra do Paraguai... Vemos o negro-escravo, o negro-soldado, o negro-doutor, o negro-artista, o negro-sábio impondo-se, distinguindo-se pela bravura, inteligência, patriotismo, resistência, abnegação. E por que ainda não atingimos o lugar que nos compete? É porque nos falta a confiança em nossas forças. O negro de hoje tem tudo, mas tudo lhe falta, porque lhe escasseia a confiança nas suas possibilidades. Urge uma reação"⁶⁶. Esta reação será a série de artigos consagrados à glorificação dos valores negros.

Esses artigos apresentam, através dos mais diversos jornais, um certo número de caracteres comuns. Primeiramente, constituem como uma espécie de livro de imagens, de imagens "d'Epinal", populares e fortemente coloridas, ingênuas e estandardizadas. Luiz Gama e Patrocínio, Henrique Dias e Cruz e Sousa, os lutadores e os heróis, os santos e os artistas, as estrelas de cinema e os boxeadores invictos: é um desfile de todos os grandes homens de que se orgulha a raça, e que recomeça todos os anos⁶⁷. Porque — e esse é o primeiro caráter desses artigos culturais — eles se dispõem em forma de calendário; são determinados por essa metodologia brasileira dos "sociais", que são cheias de aniversários e em que não se esquece jamais de lembrar o dia de nascimento dos administradores do jornal, da mulher ou dos filhos dos líderes. Assim, os artigos biográficos aparecem em data fixa, por ocasião dos aniversários de nascimento ou de morte desses heróis, ou a propósito das grandes datas nacionais, como Palmares ou a Abolição. Cria-se assim o que nos permitirão talvez chamar de duração afro-brasileira medida por uma série de comemorações, um tempo histórico que se integra sem dúvida na cronologia nacional, mas que, mesmo assim, tem sua própria temporalidade, como uma corrente que vai através de um rio maior, sem que suas águas se misturem às outras. Duração que não é somente histórica, mas afetiva, sentimental, com suas evocações de sofrimento, suas páginas de esperança, seus momentos de cólera e de admiração. O eterno romance de gestos da raça.

(66) *A Voz da Raça*, I, 33. Cf. também I, 14; I, 21; I, 37; *Getulino*, I, 3.

(67) Luiz Gama: *Getulino*, I, 10; II, 50; *Progresso*, III, 36; *A Liberdade*, I, 2; *Alvorada*, março e agosto de 1946, etc.; Patrocínio: *Getulino*, I, 37; II, 64; *A Voz da Raça*, I, 33; *Alvorada*, janeiro de 1946 e sobre o filho de Patrocínio: *Clarim da Alvorada*, VI, 20. Henrique Dias: *A Voz da Raça*, I, 9. Outros heróis: *Progresso* IV, 37. Cruz e Sousa: *Getulino*, I, 14; I, 36; II, 66; *Alvorada*, novembro de 1945. Estrelas de cinema: *Senzala*, I, 20; ou do teatro: *Alvorada*, dezembro de 1945; *Senzala*, nº 1, p. 26; nº 2, p. 15; ou da música: *Alvorada*, setembro de 1945. Os esportistas de cor: *Progresso* IV, 36; *Senzala*, nº 2, pp. 25-29; *A Voz da Raça*, I, 21. Um número especial de *Getulino*, II, 64, é consagrada à glorificação desses valores negros.

É por isso também que essas biografias ou essas páginas de histórias não procuram a verdade objetiva. Ao contrário, elevam-se para o mito. Cria-se uma legenda, porque somente a legenda tem um valor dinâmico de ação. Não se tratará de restabelecer a exatidão dos fatos, quando a exatidão é perigosa para a valorização do passado e quando se corre o risco de destruir uma linda imagem; não se mostrará, por exemplo, em Henrique Dias um soldado que não foi levado pelo patriotismo, mas pelo amor ao dinheiro, pronto a trair os portugueses se a ocasião se apresentasse⁶⁸. O que se faz, ao contrário, é vulgarizar a imagem da escola primária, comumente se bem que anacrônica, a das três raças confundindo-se no mesmo amor pela terra contra o invasor holandês. E é porque essas imagens históricas são imagens míticas que cada personagem é reduzido a uma só virtude; não se tenta revelar a complexidade do ser, mas simplificá-lo; faz-se um indivíduo antes de tudo o símbolo, um da bondade ou do sacrifício (o escravo Domingos Vieira), outro do heroísmo ou da glória guerreira (Henrique Dias), outro ainda da inteligência (Juliano Moreira), outro enfim da capacidade artística do negro (Cruz e Sousa)⁶⁹. Do mesmo modo os acontecimentos históricos se transformam também em símbolos míticos — Palmares da liberdade, a Abolição da igualdade⁷⁰ — em idéias-forças que despertarão no preto de hoje a vontade de ser digno de tais fatos ou de tais avós.

Nessas imagens “d’Epinal”, o branco pode ter lugar, pela sua amizade para com os pretos, como a princesa Isabel, mas sobretudo por seus juízos favoráveis à raça: de Buffon a Artur Ramos, todos os testemunhos são cuidadosamente anotados, vulgarizados, comentados⁷¹. Não há raças superiores ou raças inferiores, há raças avançadas e raças atrasadas no seu desenvolvimento, tal é a conclusão da ciência moderna. E a lição que se tira é que o afro-brasileiro deve “evoluir”. Assim a ciência se transforma em moral, como a História e a Literatura se transformavam em mitologia.

Notar-se-á igualmente que essa valorização do preto não vai até a África. No entanto, a África também apresenta um quadro animador, com os seus baixos-relevos do Dao-

(68) Ver os documentos inéditos citados por J. H. Rodrigues e J. Ribeiro: *Civilização Holandesa no Brasil*, São Paulo, 1940.

(69) Domingos Vieira: *Getulino*, I, 4. Juliano Moreira: *A Voz da Raça*. Rebouças: *Getulino*, I, 46.

(70) Palmares: *Getulino*, II, 58; *A Voz da Raça*, I, 10; I, 21; I, 26. Sobre os quilombos: *Quilombo*, I, 2. Treze de maio: *Getulino*, I, 41; *Alvorada*, maio de 1946.

(71) *Getulino*, I, 31.

mé, seus desenhos dos Bosquímanos, suas máscaras que renovaram a estética moderna, e seus remanescentes de civilizações antigas. Dir-se-ia que esses jornalistas têm medo de lembrar sua origem, de evocar uma África, bárbara em seus pensamentos, um país que é imaginado quase como um país de selvagens. E isso a tal ponto que os negros do Brasil se erguem contra as idéias de Garvey, as de volta à África; querem permanecer brasileiros, e é preciso subentender: membros de uma nação civilizada⁷². Numa palavra, a valorização não se estende para além do período brasileiro; o glorificado não é jamais o africano, mas o afro-brasileiro.

Entretanto, com o desenvolvimento do panamericanismo e o aumento das tradições, há na imprensa mais recente uma tendência para valorizar o negro em geral, e não somente o afro-brasileiro. Mas, prestemos bem atenção, esse negro que se valoriza é sempre o negro ocidentalizado, europeu ou americano, o negro assimilado a valores que não são os de seus antepassados, mas os dos países brancos, Langston Hughes, por exemplo, ou René Maran⁷³. Isso faz com que, e esta será a nossa última observação sobre esses artigos de ordem cultural, a valorização do preto se resume definitivamente em mostrar a capacidade de assimilação total do preto à cultura do branco.

Mas a valorização não somente se orienta para o passado; ela termina por uma ética do futuro. E aqui precisamos voltar ao preconceito de cor. Esse preconceito é sem dúvida uma consequência da pretensão de uma raça que se crê superior; mas é preciso confessar que o preto parece dar razão ao branco, oferecendo-lhe a imagem de um povo satisfeito por vegetar no porão da civilização. Para fazer cessar o preconceito, não basta denunciar o branco, é preciso ainda mostrar-lhe do que é capaz um homem de cor⁷⁴. Do mesmo modo, se o imigrante fez retroceder o preto, não foi somente porque o ajudava uma política de solidariedade ariana, mas porque o preto não lutou com armas iguais; é a preguiça do “nacional” que é a melhor salvaguarda da ascensão do estrangeiro. A valorização do negro não pode, pois, consistir em uma simples apologia dos grandes homens; deve-se demonstrá-la na ação cotidiana. E é assim que a imprensa de cor vai ser no Brasil o grande instrumento do puritanismo preto.

Os sociólogos norte-americanos estudaram muito bem esse puritanismo nos Estados Unidos; viram nele o sinal da

(72) *Getulino*, II, 64.

(73) *Alvorada*, novembro de 1945, p. 3; *Getulino*, I, 20.

(74) *Getulino*, I, 5; II, 60.

ascensão racial, a característica da formação de uma classe média, a linha de separação da plebe de cor, preguiçosa, alcoolizada, supersticiosa, imoral e da aristocracia da raça, instruída, trabalhadora, vivendo na dignidade e na respeitabilidade⁷⁵. Fenômeno análogo produz-se no Brasil: depois da libertação dos corpos, há ainda uma outra libertação a fazer, a dos espíritos, que é preciso libertar das cadeias da ignorância. Todos os jornais fazem apelo à instrução, assim como muitas associações abrem escolas noturnas; é pelo livro que o preto subirá, que se tornará igual ao branco e será recebido por ele⁷⁶. De fato, em uma sociedade em que o preconceito de cor se confunde em grande parte com o preconceito de classe, é saindo da classe proletária, emburguesando-se, que o homem de cor destruirá o preconceito que sobre ele pesa. Se alguns textos parecem denunciar uma espécie de superstição do livro, em geral, porém, o preto não procura na instrução senão um meio de melhorar sua vida econômica; encontra-se mesmo uma crítica de uma empregada desajustada pela cultura e o que se recomenda aos pais não é tanto o ensino clássico como o ensino técnico, profissional⁷⁷. Certo pragmatismo transparece, um utilitarismo bem compreensível, aliás. E também, o que é importante anotar, os líderes não caem no que se chamou outrora de mulatismo intelectual, que consiste em fazer alarde de leituras não digeridas. Ao contrário, a instrução jamais é encarada senão marchando par a par com a educação e a formação do caráter⁷⁸. E chegamos, assim, ao elemento essencial do puritanismo preto, o culto das conveniências.

Se empregamos o termo puritanismo de preferência ao de moralidade, é porque a moralidade é essencialmente subjetiva, ao passo que o puritanismo dá atenção antes de mais nada ao que se vê, às manifestações exteriores e que podem classificar um ser no interior de um grupo. Sociologicamente o puritanismo liga-se ao desenvolvimento da burguesia, e tornou-se um critério de ingresso na pequena burguesia, de participação da classe média. Faz-se entre os brancos uma imagem estandardizada do negro, como preguiçoso, ladrão, bêbado e debochado; em grande parte, a recusa do branco

(75) Sobre o puritanismo negro, ver, por exemplo: Dollard: *Caste and Class in Southern Town*, cap. 17; H. Powdermaker: *Alter Freedom*, caps. 5, 8, 17; Frazer: *The Negro Family*, sobretudo o Cap. 12.

(76) *Getulino*, I, 35 (are. de Lino Guedes); II, 56 (versos de A. Marques). *A Voz da Raça*, I, 16, 18, 31, 32.

(77) *Senzala*, nº 1, p. 20. Cf. *A Voz da Raça*, II, 39: "Não é só nos bancos de uma escola que se encontra a emancipação moral do negro. Não basta saber ler, é preciso saber usar a ferramenta. Em vez de divagações literárias é preciso formar a orientação profissional".

(78) *A Voz da Raça*, I, 20.

em aceitar empregados de cor está ligada à força dessa representação. É preciso, pois destruí-la criando outra imagem, suscitando, por conseguinte, outro tipo de negro, que será valorizado moralmente. Mas, como se vê, o que vale é o comportamento mais que a atitude interior. A moralização se faz de fora para dentro, e não de dentro para fora. E isso até ao ponto de se confundirem regras de boa conduta com as regras das conveniências. O motor da atitude vem a ser aquele mesmo que define o gênero da vida da pequena classe média: o que dirão?

Daí, primeiramente, a condenação do alcoolismo, que transforma o homem em animal e que é considerado, sob a forma da bebedeira, como distintivo da classe baixa⁷⁹. E depois o apelo tão freqüente a maior dignidade nas relações entre o homem e a mulher. Se os brancos têm uma opinião tão desfavorável da moça de cor, a culpa é em grande parte dos bailes negros, que são lugares de perdição; isso não quer dizer que não devam se divertir, mas que o façam honestamente⁸⁰; nem que os diretores das associações dançantes sejam culpáveis: no salão todo mundo se conduz bem⁸¹; depois, há a rua e a culpa é dos pais, que não vigiam suficientemente os filhos. Não se encontram mais nos lares as virtudes antigas, o respeito aos pais, a obediência e a modéstia; dá-se aos jovens demasiada liberdade⁸². Em toda a parte em que o branco possa encontrar pessoas de cor, é preciso que este último seja um modelo de virtude em particular nesses *footings*, como o da rua Direita: "É preciso acabar com os ajuntamentos de *don-juans* sem escrúpulos, de rodinhas de incomportados. É necessário extinguir esses focos de obscenidades que provocam as cenas mais escandalosas; esse misturar de homens e mulheres sem a mínima sombra de pudor, sem nenhuma compostura. É urgente acabar com esse relaxamento que depõe contra os nossos focos de raça progressista. É imprescindível uma reforma nos costumes, nos gestos⁸³. O mais grave é que esse relaxamento dos costumes penetrou até no domínio religioso e que nas festas católicas, pensa-se mais no "namoro" que na piedade⁸⁴. A

(79) *A Voz da Raça*, I, 27; III, 46.

(80) *A Voz da Raça*, II, 24 (idéia também de que numa associação negra o aspecto diversões deve vir depois do aspecto educação).

(81) *Progresso*, IV, 37; *Kosmos*, I, 2; *A Voz da Raça*, II, 34; I, 22: "Fala-se muito que é preciso acabar com os bailes porque são antros de perdição. Nem todos o são. O que é preciso é que as moças compareçam aos bailes acompanhadas pelas mães ou irmãos ou pais". *A Voz da Raça*, II, 67; (sobre os bailes de negros). Acontece, aliás, que a imoralidade se introduz no interior; e preciso castigar os elementos perturbadores.

(82) *A Voz da Raça*, III, 55; *Getulino*, I, 17; *A Voz da Raça*, III, 45.

(83) *A Voz da Raça*, III, 63 e 64.

(84) *Avante*, I, 2.

terceira condenação é a da preguiça, da vagabundagem e da mendicância, que coloca o preto em situação de inferioridade em relação ao branco que lhe faz a caridade⁸⁵; a raça só se elevará pelo amor ao trabalho⁸⁶.

Esse puritanismo chegará até a regulamentar o modo de vestir, pois o que vale é o que se vê, por causa da associação que não se deixa de fazer entre o exterior e as disposições da alma: não se podem admitir as moças de cor com vestidos muito curtos, as pernas sem meias⁸⁷. *A Voz da Raça* cria uma seção, sob o título "O que nós devemos saber": pôr um lenço na boca antes de espirrar, não sair com meias furadas ou com roupas sujas, não convidar os amigos para "matar o bicho", mas sim para tomar um café, não fumar em casa de família quando se está de visita, a menos que o dono da casa tenha já começado a fumar... Numa palavra, é preciso criar um meio digno, respeitoso, sério, de trabalho e de honestidade, de boas maneiras e de linguagem decente⁸⁸.

Os temas que estudamos e que fomos obrigados a separar para comodidade de estudo nem sempre estão separados nos artigos; entrecruzam-se, como fios de cores diversas empregados na mesma trama. É assim que o puritanismo é ao mesmo tempo valorização e protesto contra o preconceito de cor. Tende-se a passar da negrura da pele à negridão da alma; mas a alma não tem cor; as qualidades da inteligência e as virtudes morais são da mesma natureza entre todos os homens; daí a importância do espiritualismo no pensamento afro-brasileiro. Esse idealismo dos sentimentos ou do pensamento está ligado à fuga para além das distinções de epiderme; é preciso cultivar não o que distingue, mas o que unifica, identifica, iguala, isto é, o que é espiritual. O hábito não faz o monge; a cor da pele não tem mais importância do que a das roupas ou dos calçados. O que vale é a luminosidade de um coração puro⁸⁹.

A questão que surge aqui é saber se não há oposição entre esta segunda forma de valorização e a valorização do passado afro-brasileiro de que falamos antes. Os líderes não crêem nisso, porque os grandes homens de que fazem o elogio são símbolos justamente dessas qualidades de trabalho, de cultura e de moralidade, testemunhas da evolução

(85) *A Voz da Raça*, II, 44.

(86) *A Voz da Raça*, III, 46.

(87) *A Voz da Raça*, I, 22; I, 29.

(88) *A Voz da Raça*, I, 30; II, 35; II, 46.

(89) *A Voz da Raça*, III, 60. *Alfinete*, 1, 2. *Getulino*, 1, 41.

da raça. Há, entretanto, algumas dificuldades, e primeiramente Palmares. Não oferece ele um exemplo de oposição à bondade da raça africana, tantas vezes afirmada, um exemplo de revolta, de ódio racial, de resistência à assimilação e ao puritanismo? É curioso notar que a imprensa de cor não elogia as grandes revoltas negras, como a dos Malês ou dos Nagôs da Bahia. Se Palmares faz exceção é porque é considerado não como um modelo de revolta, mas como um primeiro passo para a libertação da Colônia, um primeiro grito de Independência⁹⁰. Mas há uma outra dificuldade — o folclore.

A valorização do passado devia, ao que parece, terminar em uma valorização do que é mais tipicamente africano no folclore e onde se manifesta melhor o gênio rítmico de uma cultura, original e saborosa, como as religiões afro-brasileiras, candomblés ou xangôs. Ora, os textos em favor da conservação desses elementos originais são raros, algumas transcrições, como o estudo de Heckel Tavares sobre o maracatu⁹¹; ou o projeto da extensão da liberdade de culto às religiões afro-brasileiras⁹². Em geral, porém, esta imprensa se levanta com indignação contra os batuques, os sambas, as danças populares herdadas dos antepassados⁹³. Sente-se que se quer esquecer tudo o que liga um pouco mais de perto o preto contemporâneo à sua pátria de origem. O emburguesamento triunfa aqui do orgulho racial.

Sob uma forma especial, é sempre o mesmo drama, que é não somente o drama da imprensa, mas o de todas as associações de pretos, e que provém de um duplo movimento contraditório, centrípeto e centrífugo, um que faz o preto se separar (as associações dançantes dos grupos de cor são fechadas aos brancos), que o faz se entusiasmar com seus próprios valores, e outro na direção da assimilação, da mistura dos sangues e das culturas, no caminho inverso da formação de uma consciência de cor.

Como se vê, a valorização do preto ocupa lugar de primeiro plano na imprensa que estudamos. Mas, raramente ela se eleva até se exprimir numa filosofia geral do africa-

(90) Num dos artigos da *A Voz da Raça* (I, 17), encontra-se o sentimento desse medo diante de Palmares, que poderia ser considerado pelos adversários da raça como sinal de violência nativa: "A não ser a insurreição de 1837 na Bahia e a comoção de Palmares, nada mais de anormal encontrará o historiador".

(91) *A Voz da Raça*, III, 52; I, 14.

(92) Proclamação dos líderes pretos de 5 de abril de 1945.

(93) *A Voz da Raça*, I, 10 e 32. "Em maio de 1933 protestamos contra o costume dos festeiros de instituírem o samba e o batuque à porta das igrejas. Hoje registramos, com prazer, que as festas de São Benedito, em Sorocaba, decorrem com grande brilho e animação, sem samba, batuque e cachaça". Entretanto, encontra-se uma apologia do samba em *Alvorada*, junho de 1946.

nismo ou até a formação de um mito. O único exemplo que encontramos de um esforço para elaborar uma sistemática da raça negra é o artigo de Olímpio Moreira da Silva: "O que foi a raça negra"⁹⁴. Resumamo-lo brevemente, pois não lhe falta interesse: dez mil anos antes de J. C., só havia três raças civilizadas, a raça vermelha na Atlântida, a raça amarela na Lemúria e a raça preta na África; a raça branca era então selvagem. Catástrofes destruíram as duas primeiras civilizações e não restou mais do que uma só raça civilizada, a preta, na África, Arábia, Pérsia e na Índia, com seus conhecimentos astronômicos e mágicos, sua arte militar e sua ciência do governo político. Mas os brancos (ou celtas) mais selvagens fizeram uma guerra de morte aos pretos, repelindo-os primeiramente para a Ásia e África; então a Índia constituiu o centro da sua civilização, uma Índia que ignorava o regime de castas, mas que era dirigida, nessa época, pelo Filho do Sol, o Imperador geral dos negros, Rawhar, e abaixo deste, pelas assembleias corporativas e eitas pelos pais e mães de família, e um Sacerdote encarregado de descobrir os segredos do universo. Os celtas, para melhor triunfarem, organizaram um sacerdócio de imitação, o dos druidas, mais selvagem, com sacrifícios humanos, e continuaram sua guerra vitoriosa, impelindo finalmente os negros para a África, onde caíram em decadência; a era dessa decadência terminará um dia e o preto retomará sua supremacia.

Sob essa valorização pelo emburguesamento, é possível descobrir, na imprensa negra, outros valores, outras representações coletivas, mais antigas mas transformadas, racionalizadas. Sabe-se, por exemplo, a importância que o carnaval tem para o preto e ninguém se esqueceu das páginas de Artur Ramos sobre as diversas funções desse carnaval das ruas⁹⁵. A imprensa de cor mostra bem que, mesmo em São Paulo, o carnaval é a festa máxima: o lugar da preparação dos blocos, dos cordões, na rubrica destinada às notícias da vida das associações, é particularmente grande. Mas, para melhor poder penetrar na mentalidade do preto moderno, para ser mais facilmente aceito, o carnaval vai ser objeto de uma justificação: vai se transformar num meio de instrução, e não mais de divertimento; não permite ele que se aprenda um pouco de história e de mitologia por meio dos seus carros alegóricos? Os versos que se cantam não são a expressão

(94) *A Voz da Raça*, I, 20, 21, 25, 31, 32 e 33.

(95) Artur Ramos. *O folclore negro no Brasil*. pp. 274-276.

da poesia popular e ao mesmo tempo o embrião dos coros e orfeões futuros? E a solidariedade dos blocos carnavalescos não prevalece sobre a orgia, fazendo assim do carnaval uma escola de virtudes⁹⁶?

Outro exemplo é o do culto da mãe. Sem dúvida, esse é um tema caro tanto ao brasileiro branco como ao homem de cor. Na sociedade patriarcal, a libido brasileira fixa-se sobre a mãe e se manifestará logo que as eclusas anti-sentimentais se abrem, isto é, no momento do romantismo. Mas, o preto, além disso, viu sua família destruída pelo regime da escravidão e pela separação dos sexos nas senzalas. A criança é criada pela mãe; e o tipo de família maternal continuará a existir no Brasil, como nos Estados Unidos, na população de cor, sobretudo nas classes baixas. Daí o apego do preto à mãe, "a Mãe, símbolo; a Mãe, instituição; a Mãe, amor; a Mãe, grandeza; a Mãe, humanidade". Mas esse apego é agora racionalizado pela sua integração num sistema total, moral-católico, de ética; é uma virtude como as outras e entre outras; entretanto, e é o que resta do passado, de todas as virtudes é esta que fornecerá o maior número de artigos e certamente os mais comoventes. Ela se concretizará no projeto de monumento à Mãe-Preta ou à instituição de um Dia da Mãe⁹⁷.

Assim percorrendo a imprensa negra, o sociólogo pode seguir a evolução da classe de cor. Sabe-se que nos tempos coloniais os escravos estavam divididos em nações, angola, congo, nagô, crioula, cada uma com suas tradições, e que se mantinham ferozmente hostis umas às outras. No pensamento dos Senhores, tratava-se de impedir a formação de uma consciência racial. E saíram-se tão bem que os movimentos insurrecionais, antes de explodir, eram já conhecidos pelos brancos, pelas denúncias das outras nações. O preto teve sempre o senso da associação; quando as nações desapareceram, foram substituídas pelas múltiplas associações, cuja lista ocupa páginas inteiras dos jornais.

Em certa medida, pode-se mesmo dizer que a imprensa preta saiu desse movimento associativo; muitos jornais são primitivamente órgãos de um clube que procura estender-se. E não obstante os jornalistas se queixam do individualismo do negro, da falta de espírito de solidariedade. De fato, não se trata de individualismo, mas de conflito de associações

(96) *Getulino*, I, 40 (Artigo de Fonseca): Carnaval e educação.

(97) Artigos sobre o culto da mãe: *Getulino*, I, 16; I, 29; *A Voz da Raça*, I, 19. Sobre o projeto de monumento à Mãe-Preta: *Clarim da Alvorada*, VI, 20 e sobre a instituição de um Dia da Mãe-Negra: *Alvorada*, setembro de 1945.

umas com as outras. A "Frente Negra" quis, justamente, passar desse associacionismo fragmentário a uma solidariedade global. Vê-se através de *A Voz da Raça* que ela encontrou sempre oposições entre os seus correligionários. Mais recentemente, os paulistas de cor tentaram federalizar-se. Esses movimentos alcançarão êxito um dia. Mas, no momento, pode-se dizer que a mentalidade afro-brasileira, tal como aparece na sua imprensa, é uma mentalidade tribal, sendo a etnia substituída pela concorrência dos grupos de cultura, de dança, de beneficência⁹⁸.

Eis aí, parece-nos, o retrato que o brasileiro de cor fez de si mesmo. Ao mesmo tempo que o desenhamos, pudemos ver qual era a função da imprensa negra. Apesar de sua pequena tiragem e da fragilidade de alguns desses jornais, sua finalidade é múltipla e sua utilidade incontestável. Serve, em primeiro lugar, naturalmente por tornar conhecidas as convocações individuais, pelo correio, dos comitês de membros contribuintes. Permite aos escritores de cor, que dificilmente podem escrever na imprensa nacional, publicar seus versos ou contos; serve, pois, para revelar novos talentos. É também o órgão da formação dos líderes: é aí que forjam suas primeiras armas, que tateiam a opinião do povo, que se impõem ou falham. É enfim, e sobretudo, um órgão de reivindicação, de solidariedade e de educação; de reivindicação, contra tudo o que seja em detrimento da elevação do brasileiro de cor; de solidariedade, porque somente a união poderá quebrar o preconceito de cor; de educação, porque o preto só subirá com mais instrução e mais moralidade, e com mais confiança no seu próprio valor⁹⁹.

III

(98) Críticas recíprocas entre associações de pretos: *Getulino*, I, 2; 11, 50; *Xaüter*, I, 2; falando de *Menelik* diz "onde o idiotismo anda de braço dado com a ignorância"; *O Clarim*, I, 1: contra os líderes que se servem de suas associações de classe para subir e não para servir, impedindo toda solidariedade: *A Voz da Raça*, I, 11; I, 16; I, 17; I, 18; I, 30; II, 34: (contra o grupo Visconde do Rio Branco); II, 40; *Alvorada*, setembro de 1945, etc.

(99) Nosso estudo era já acabado quando tivemos possibilidade de ler o artigo de Virgínia Leone Bicudo, "Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em S. Paulo", confirmando alguns pontos de nosso trabalho (*Sociologia*, IX, 3, 1947).